

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME LII • 2013

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANA PAULA RAMOS FERREIRA

Doutora em Arqueologia pela Universidade de Coimbra

Membro do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património

anaf@esec.pt

BREVES NOTAS SOBRE RELIGIOSIDADE, SUPERSTIÇÃO
E MAGIA NOS TRATADOS DE AGRONOMIA DOS ROMANOS

BRIEF APPROACH ON RELIGIOUSNESS, SUPERSTITION
AND MAGIC IN ROMAN AGRONOMY TREATIES

“Conimbriga” LII (2013) p. 129-146

RESUMO: O intuito deste artigo é a análise da religiosidade transmitida pelos textos literários agronómicos dos Romanos. Estes revelam práticas rurais que se afastariam das urbanas, se não nas práticas e crenças, pelo menos nos favores a obter.

PALAVRAS CHAVE: Tratados de Agronomia; Religião; Superstição.

ABSTRACT: The purpose of this article is the analysis of the religious practices conveyed by the agronomy literary texts of the Romans. These show rural practices that diverge from the urban ones, not so much in rituals and beliefs, but mainly on what concerns the benefits required.

KEY WORDS: Agronomy Treaties; Religion; Superstition.

(Página deixada propositadamente em branco)

BREVES NOTAS SOBRE RELIGIOSIDADE, SUPERSTIÇÃO E MAGIA NOS TRATADOS DE AGRONOMIA DOS ROMANOS

A voz dos deuses é que decide o destino dos Homens, mesmo quando eles não lhe dão ouvidos.

João Aguiar (1984 p. 352)

E porque os deuses ajudam aqueles que chamam por eles, eu começo por invocar, à semelhança de Varrão (I, I, 4), “as doze divindades superiores que formam o tradicional concílio dos deuses, presidido por Júpiter. São eles: Juno, Vesta, Minerva, Ceres, Diana, Vénus, Marte, Mercúrio, Júpiter, Neptuno, Vulcano e Apolo”.

E na esperança de que os deuses me tenham ouvido, inicio a apresentação desta singela pesquisa, cujo objetivo foi a análise da religiosidade transmitida pelos textos literários agronómicos dos Romanos. Trata-se, portanto, da religiosidade rural, que se afastaria da urbana, se não nas práticas e crenças, pelo menos nos favores a obter. Nas práticas, num mundo e no outro, procura-se, através da oração e de outras ofertas, levar a vontade dos deuses a satisfazer os caprichos dos Homens.

Já Columela (II, XXI, 5-6) refere a necessidade de tratar “dos costumes observados pelos antigos em cerimónias de purificação e outras ofertas que são feitas para o bem das sementeiras”. Por esse motivo pretendia escrever um livro sobre o assunto. No entanto, se foi escrito, perdeu-se. É, por isso, necessário descobrir, no que até nós chegou, vestígios de alguns desses preceitos.

Foi a esta tarefa que me propus. A concretização da mesma fez-se através da escarpelização dos Tratados de Agronomia de Catão, dos Saserna, de Varrão, de Columela e de Paládio. Conjunto de obras que abarca o período cronológico dos séculos II a. C. ao século V d. C. e diferentes áreas geográficas.

Esta abordagem é uma viagem à religiosidade do mundo rural, ou seja, não só à religião propriamente dita, mas também à magia e ao mundo das superstições. Viagem esta cuja memória procurei guardar nestas páginas que, com certeza, perderam muito da riqueza original de quem as inspirou. Até porque a religiosidade é algo de tão profundo que se torna impossível transmiti-la na sua plenitude. Se assim fosse, cometeríamos o sacrilégio de violar a privacidade do diálogo com os deuses, quaisquer que eles sejam, no plural ou no singular, masculino(s) ou feminino(s).

1. As fontes

É vasta a literatura agronômica dos Romanos, da qual, apesar de tudo, conhecemos apenas uma parte. De entre ela destacam-se, como fonte de pesquisa do presente trabalho, os tratados de agronomia de Catão, dos Saserna, de Varrão, de Columella e de Paládio. São obras que transmitem conselhos e instruções que não dizem apenas respeito à atividade agrícola propriamente dita, mas também a outros aspetos como a escolha do domínio ou remédios para as escoriações e luxações.

A obra *De Agri Cultura* de Catão deve ser o primeiro trabalho sobre o assunto em latim, tendo sido escrita na primeira metade do século II a. C. (WHITE 1970 19; KOLENDO 1973 8). É um conjunto de notas em “estado bruto” respeitantes às propriedades que possuía, provavelmente em redor de uma cidade da Campânia, *Venafrum*.

O tratado de Catão aparece num momento em que as conquistas não param de enriquecer os Romanos e o comércio se desenvolve em detrimento da pequena exploração familiar que tem de dar lugar a uma exploração capaz de enfrentar a economia de mercado. Assim, Catão apresenta a sua obra glorificando a atividade agrícola e alertando para a insegurança da atividade comercial em que “o comerciante corre muitos riscos e arrisca-se à ruína” (Introdução, 3).

Os Saserna, pai e filho¹, viveram na transição do século II para o

¹ Existe alguma divergência, nas obras de Varrão e Columela, no que concerne a estes autores. Por vezes, encontra-se a fórmula *Sasernae pater et filius*, e, noutras, apenas *Saserna*. Jerzy Kolendo (1973 18-19) considera que esta divergência tem na origem diferentes critérios de citação: apenas citam *Saserna pater et filius* quando querem ser precisos, utilizando, geralmente, a forma abrangente *Saserna*, no singular.

século I a. C., sendo, depois de Catão, os mais antigos autores latinos que trataram da agricultura (WHITE 1970 20; KOLENDO 1973 6). O seu tratado *De Agri Cultura*, que terá sido publicado entre 146 e 57 a. C. (KOLENDO 1973 14) e de que restam alguns fragmentos, transmitidos essencialmente por Varrão e Columela, dá informações que se baseiam no seu domínio situado na Gália Cisalpina.

Varrão publica em 37 a. C. (KOLENDO 1973 7) o seu contributo para a prática de uma correta agricultura. O tratado *De Re Rustica* é todo ele dirigido à sua mulher, *Fundania*, que acabara de comprar uma propriedade. Também aproveita o seu tratado para glorificar a agricultura. Considera (III, I, 5) que “não é sem razão que os nossos antepassados tentaram atrair os seus cidadãos de volta da cidade para o campo, pois em tempo de paz eram alimentados pelos camponeses romanos e, em tempo de guerra, ajudados por eles”, assim como também não é sem razão que “eles chamaram à mesma terra Mãe e Ceres e acreditavam que, através dela, esses que cultivam a terra levam uma vida piedosa e útil, e que eles foram os únicos sobreviventes da estirpe do rei Saturno”.

Columela, originário do município de Cádiz, na província da Bética, terá publicado o seu *Res Rustica* na primeira metade do século I da nossa era (KOLENDO 1973 8) ou nos anos que imediatamente precederam a morte de Séneca em 65 d. C. (HENTZ 1980 152). Este autor descreve a agricultura dos arredores de Roma.

Columela, um agrónomo provincial, testemunha da crise da viticultura itálica nos meados do século I, era, antes de tudo, um agrónomo profissional, assim como os Saserna. Situação pouco frequente entre os autores latinos de obras agronómicas, que eram geralmente membros da aristocracia senatorial que tinham um contacto mais ou menos frequente com a agricultura, como é o caso de Catão e de Varrão (KOLENDO 1973 64).

A última das nossas autoridades é Paládio. O problema de determinar a época em que viveu é um dos enigmas mais resistentes de toda a história da literatura latina. O seu tratado agronómico não nos fornece nenhuma informação de carácter autobiográfico, apenas nos permite saber que possuía domínios em Itália. Apesar destas dificuldades, parece ser aceitável que a obra não foi anterior a meados do século V.

2. O favor dos Deuses

É pelo desejo e necessidade de agradar aos deuses que se fazem súplicas, sacrifícios e se verifica uma submissão voluntária a estas entidades superiores. Tudo é feito com o objetivo de obter a satisfação dos desejos pessoais do celebrante ou o cumprimento de ações benfazejas para a comunidade.

As obras agronômicas revelam-nos não só os deuses a que se prestava o culto, mas também como e quando devia ser prestado. Do culto faziam parte ofertas e, nomeadamente, os bolos sagrados: o *libum*, a *placenta*, o *fertum* e a *strues*. E estes bolos sagrados não seriam de pouca importância, uma vez que os autores não se limitam a referi-los, mas explicam também como se fazem².

E não se esquecem de nomear a quem cabe a responsabilidade dos sacrifícios. Columella (XI, I, 22) e Catão (143, 1) são peremptórios ao referirem que os sacrifícios apenas se podem fazer por ordem do proprietário ou proprietária do domínio.

Mas no que diz respeito ao favor dos deuses, em primeiro lugar é fundamental rezar aos deuses protetores da agricultura, e antes de mais a Júpiter e à Terra, “para que estes, por meio do céu e da terra, abracem todos os frutos da agricultura”. Depois a Ceres³ e Liber⁴, “pois é por seu favor que a comida e bebida vêm da lavoura” (VARRÃO I, I, 5). Estas eram as divindades supremas da terra e, ao contrário dos outros deuses imortais que eram por vezes perigosos, tinham uma índole benigna, pois eram eles que garantiam as colheitas anuais. E como não é de admirar, o poder divino que fazia brotar o grão era identificado com

² A título de exemplo, Catão (75, 1) manda fazer o *libum* assim: “Moa duas libras de queijo”, cerca de 655 gramas, “num almofariz; quando estiver bem esmagado, junte uma libra de farinha de trigo ou, se quiser que seja mais leve, somente uma meia libra de farinha fina, e misture bem com o queijo; junte um ovo e misture bem; faça um pão desta massa, ponha folhas debaixo, coza devagar no calor do forno por baixo de uma telha”.

³ Ceres é uma divindade latina muito antiga, confundida com a deusa grega Deméter. O seu nome, cuja etimologia se liga ao verbo *crescere*, indica claramente, por si só, as funções da deusa. É ela, seiva saída da terra, que faz crescer os jovens rebentos, que amadurece o trigo e aloira as searas (SCHMIDT 1995 68; Cf. ERNOUT e MEILLET).

⁴ A designação latina de *Liber* era, muitas vezes, utilizada para indicar o deus do vinho, Baco (HAMILTON 1983 57).

uma deusa e não com um deus. Esta, denominada Ceres, era mais velha que o deus do vinho, pois as sementes eram deitadas à terra muito antes de a vinha ser plantada (HAMILTON 1983 62). E é interessante verificar como a terra é chamada “Mãe de Tudo”, mas não era uma divindade, nunca foi encarada como uma personificação (HAMILTON 1983 51).

E é preciso também não esquecer de orar a *Lympha*, a deusa das águas, “pois que sem água todas as terras ficam áridas e pobres” (VARRÃO, I, I, 5).

Existiam ainda deuses menores, que protegiam determinadas áreas da propriedade, como por exemplo *Pomona* e *Vertumno*. Estes garantiam o pleno florescimento de pomares e jardins.

Em honra dos deuses eram consagradas não só as orações, mas também as *feriae* públicas. É o caso das *Sementivae* (VARRÃO I, II, 1), festival aldeão relacionado com Tellus que se segue às sementeiras, numa data estabelecida pelos pontífices. Era também o caso da festa solene da *Robigalia* e dos jogos chamados *Floralia*, em honra de *Robigus* e de *Flora*, que protegem as sementes e as árvores da mangra ou alforra, propiciando que floresçam na sua estação (VARRÃO I, I, 6). Do mesmo modo se estabeleceu o festival *Rustica Vinalia* (VARRÃO I, I, 6), que ocorre a 19 de Agosto, em honra de Minerva e de Vénus, que protegem a vinha e outras culturas.

Durante estes períodos de *feriae*, isto é, dias de repouso em honra dos deuses, nem tudo era permitido fazer ao camponês, pelo que Columela (II, XXI, 3-4) esclarece os menos informados. Assim, as observâncias religiosas permitem, nestes dias consagrados aos deuses:

“Triturar a espelta; cortar as tochas; fazer velas; lavrar uma vinha arrendada; limpar os viveiros de peixes, as cisternas e os fossos antigos; cortar as ervas dos prados; espalhar o estrume; fazer o provisionamento de feno no palheiro; arrecadar os frutos de um olival arrendado; espalhar as maçãs, peras e figos para secar; fazer ferver o mosto; apanhar uvas e azeitonas para conserva; fazer o queijo e transportar aos ombros ou com a ajuda de uma mula de carga as árvores para plantar”.

Mas era proibido:

“Transportar as árvores com uma parelha de bois, plantá-las depois de serem transportadas, abrir o terreno, mondar as árvores, ocupar-se sequer da sementeira, cortar o feno, atá-lo ou transportá-lo; assim como não se devia nestes dias vedar um campo de

cereais ou fazer a vindima, nem tosquiara o rebanho, nem revestir os carneiros com peles⁵, nem enterrar um morto em dias de festa pública”.

Além destes festivais anuais, havia todo um ritual a cumprir desde que se abria a clareira num bosque para cultivar, até ao momento das colheitas.

Para se iniciar o cultivo da terra cumpria-se uma série de preceitos. Ao abrir-se uma clareira era necessário, segundo o rito romano, sacrificar um porco⁶ em expiação e fazer a seguinte evocação:

“Quem quer que sejas, deus ou deusa, a quem este bosque é consagrado, como tens direito que te sacrifiquem um porco em expiação, por motivo da amputação deste bosque sagrado e por motivo deste trabalho, seja eu ou outra pessoa sob a minha ordem que o faça, que seja feito justamente. Por isso, ao imolar-te este porco em expiação, peço-te, com boas preces, que sejas favorável a mim, à minha casa, aos meus escravos e aos meus filhos. Em vista disto, sejas honrado pela imolação deste porco em expiação” (CATÃO 139, 1).

Depois, sendo o local para cultivar, era necessário fazer um segundo sacrifício expiatório, da mesma maneira, juntando as palavras: “Para cultivar”.

Se o trabalho agrícola fosse interrompido ou se uma festa pública ou doméstica ocorresse, era exigido um novo sacrifício (CATÃO 140, 1). E era ainda necessário fazer a purificação dos campos através de *suovitaurilia*, ou seja, do sacrifício de um porco, de uma ovelha e de um touro, acompanhado da seguinte invocação:

⁵ Como se fazia, por vezes, para proteger a lã das sujidades.

⁶ Os porcos são sacrificados não só nos ritos relacionados com a agricultura, mas também, segundo Varrão (II, IV, 9-10), nos ritos que comemoram a paz e no início dos ritos de casamento dos antigos reis e eminentes personagens, na Etrúria: a noiva e o noivo, nas cerimónias que os uniam, primeiro sacrificavam um porco. Os antigos latinos, assim como os gregos que viviam na Itália, parecem ter tido o mesmo costume.

Ainda a este propósito cf. Antonio Gonzalez que se refere, nomeadamente, ao papel dos escravos que, em certas ocasiões, poderia substituir o seu senhor na realização dos sacrifícios.

“Com a boa vontade dos deuses, eu confio-te, Mânio⁷, o cuidado de fazer a purificação da minha propriedade, dos meus campos e da minha terra, mandando estes *suovetaurilia* dar a volta ou serem levados por onde entenderes” (CATÃO 141, 1).

Para levar a cabo a purificação e a proteção dos campos tinham, ainda, de invocar, com vinho, Jano e Júpiter e fazer esta invocação:

“Marte pai, peço-te e suplico-te que sejas favorável a mim, à nossa casa, aos nossos escravos; foi por este motivo que eu mandei os *suovitaurilia* andar à volta dos meus campos, da minha terra e da minha propriedade: para que tu afastes e desvies as doenças visíveis e invisíveis, a esterilidade, a devastação, as calamidades agrícolas e as intempéries, e que permitas às colheitas, aos cereais, às vinhas e aos rebentos crescerem e chegarem a bom fim. Que tu garantas a segurança dos pastores⁸ e dos rebanhos, e a saúde a mim, à nossa casa e aos nossos escravos; por motivo destes pedidos, por motivo da purificação da minha propriedade, da minha terra e dos meus campos e do cumprimento da purificação, como disse, sejas honrado pela imolação destes *suovitaurilia lactentia*⁹” (CATÃO 141, 2-3).

Só então se espetavam as vítimas com uma faca e se davam em oferta uma *strues* e um *fertum*. Se o sacrificio de nenhum destes animais é bem recebido, é exigida uma nova invocação:

“Marte pai, se com alguma coisa, nos *suovitaurilia lactentia*, tu não ficaste satisfeito, eu ofereço-te em expiação este *suovitaurilia*” (CATÃO 141, 4).

Se há dúvida a propósito de um ou de dois animais, era necessário formular assim a invocação:

“Marte pai, como aquele leitão não te satisfez, eu ofereço-te este leitão em expiação” (CATÃO 141, 4).

⁷ Expressão utilizada no sentido de “deuses bons”.

⁸ Estes estavam especialmente protegidos pelo deus Pã, filho de Hermes (HAMILTON 1983 52).

⁹ Sacrificio utilizando vítimas ainda lactentes.

Na hora das colheitas, nomeadamente do trigo, do trigo candial, da cevada e do rábano era necessário fazer o sacrifício da *porca praecidanea* a Ceres (CATÃO 134, 1-4). Antes de se imolar a fêmea do porco, com incenso e vinho invocava-se Jano, Júpiter e Juno. A Jano fazia-se a oferenda de um *strues*, dizendo:

“Jano pai, ao oferecer-te esta *strues*, rogo-te, com boas preces, que sejas favorável a mim e aos meus filhos, à minha casa e aos meus escravos”.

A Júpiter oferecia-se um *fertum*, honrando-o assim:

“Júpiter, ao oferecer-te este *fertum*, rogo-te, com boas preces, que sejas favorável a mim e aos meus filhos, à minha casa e aos meus escravos, honrado que és com este *fertum*”.

De seguida, devia oferecer-se vinho a Jano:

“Jano pai, como ao oferecer-te uma *strues* te roguei com boas preces, do mesmo modo sejas honrado com o vinho oferecido”.

Depois a Júpiter, assim:

“Júpiter, sejas honrado com este *fertum*, sejas honrado com o vinho oferecido”.

Só depois se imolava a *porca praecidanea*. Quando as vísceras estivessem cortadas, oferecia-se novamente uma *strues* a Jano, um *fertum* a Júpiter e vinho a ambos. Só então se davam a Ceres as vísceras e o vinho. Se se tratava da vindima, os sacrifícios tinham de ser oferecidos a Liber e a Líbera (COLUMELA XII, XVIII, 4).

Não foram esquecidos nestas instruções religiosas os animais de tração que eram uma ajuda fundamental nas tarefas agrícolas, em particular os bois. Daí a preocupação de Catão em indicar que oferenda e sacrifício se deviam fazer pelos bois. Primeiro (CATÃO 83, 1), deve oferecer-se a Marte, a Silvano (deus das florestas), na floresta, de dia, por cada boi: 3 *librae*¹⁰ de trigo amido, 4,5 *librae* de toucinho, 4,5 *librae* de carne e 3 sextários¹¹ de vinho. O vinho deveria ser dado num

¹⁰ A libra, segundo Isidoro de Sevilha, compreende doze onças e é vista como o tipo de peso perfeito porque é composta por tantas onças quanto o ano de meses. O seu peso era de aproximadamente 327,45 grs (DAREMBERG e SAGLIO s.v. “libra”).

¹¹ A mais comum das medidas utilizadas pelos Romanos, para os líquidos e sólidos. Um *sextarius* de vinho equivale a um sexto do côngio, ou seja, 0,547 l de vinho.

recipiente à parte. Esta poção, que podia ser feita por um escravo ou por um homem livre, deveria ser consumida no local, sem que nenhuma mulher estivesse presente nem visse como a oferenda era feita. Além desta oferenda, acrescenta Catão (131, 1-2) que, após o florescimento das pereiras, se deveria fazer um sacrifício pelos bois a *Iupiter Dapalis*, num dia que era feriado para os bois, para os boieiros e para os que faziam o sacrifício. Consistia ele na oferta de uma taça de vinho do tamanho que se quisesse, fazendo esta invocação:

“*Júpiter Dapalis*, tem em consideração o que te é oferecido na minha casa, em presença dos meus escravos: uma taça de vinho para o sacrifício. Tem em consideração esta obrigação, que sejas honrado com a oblação deste sacrifício que te é feito”.

Entretanto, lavavam-se as mãos, pegava-se no vinho e dizia-se: “*Júpiter Dapalis*, sejas honrado com a oblação do sacrifício que te é feito, sejas honrado com o vinho oferecido”.

Depois disto, era conveniente semear milho, milho painço, alho e lentilhas.

A segurança e paz no lar também não foram esquecidas. Assim, aconselhava-se a *vilica*¹² a colocar uma coroa na lareira nas calendas, nos idos, nas nonas e nos dias de festa; e nestes mesmos dias deve fazer, segundo os seus meios, uma oferenda aos protetores da casa, isto é, aos *Lares* familiares (CATÃO 143, 2).

3. As práticas mágicas

Estas práticas associam-se à manipulação dos deuses através de fórmulas estabelecidas, muitas delas ditadas pela superstição. E cor-

¹²A *vilica* era a companheira do *vilicus*, indicado pelos autores como o dirigente do domínio responsável pelos trabalhadores, escravos e homens livres. Ele próprio era um escravo, o que o acrescia de importância, pois como já referi tinha autoridade em questões de trabalho sobre os homens livres. Ao *vilicus* deveria ser dada uma mulher, segundo Columela (I, VIII, 5), para o manter dentro dos limites e para o ajudar em algumas tarefas. Mulher essa que não devia ser nem muito feia, o que repugnaria ao seu companheiro, nem muito bonita, o que o tornaria preguiçoso (XII, I, 1).

respondem afinal a conselhos práticos relativos a diversos aspetos das vivências diárias, passando pela Medicina e pela beleza.

Assim, diz-nos Paládio (I, XXXV, 5) que, para os legumes não criarem animais nocivos, basta secar numa carapaça de tartaruga todas as sementes que se quiserem semear ou, então, semeia-se hortelã em diferentes sítios, nomeadamente entre as couves.

E se quisermos evitar que as romãs¹³ abram na árvore, Columela (V, X, 16) ensina-nos que o remédio é colocar três pedras na raiz quando se planta. Se já tiver sido plantada, é só semear uma esquila junto da raiz da árvore. Ou ainda, de acordo com outro método, quando o fruto já estiver maduro e antes de abrir, devem torcer-se os pequenos galhos em que pendem; por este método, o fruto manter-se-á sem apodrecer durante todo o ano.

Mas as instruções não ficam por estes aspetos rotineiros da prática agrícola. São-nos, também, indicadas algumas práticas, que podemos considerar mágicas, associadas à Medicina. E são várias as sugestões que os autores nos dão para as mais variadas mazelas.

Para curar a doença dos pés (provavelmente a gota), os Saserna (VARRÃO I, II, 27) aconselham a repetir-se em jejum, três vezes seguidas, e a cada repetição tocar nove vezes na terra e cuspir ao mesmo tempo, a seguinte fórmula:

“Que a terra guarde a doença e que a saúde fique aqui nos meus pés”.

Já Catão (160, 1) diz que se pode curar uma luxação através deste feitiço: “apanhe uma cana verde de 4 ou 5 pés de comprimento, rache-a pelo meio em duas partes e que dois homens a segurem contra a sua anca; comece-se então a cantilena – *motas uaeta daries dardaries astartaries dissunapiter* –, até que as duas metades se voltem a juntar. Agite-se depois um ferro por cima. Depois que as duas metades estejam juntas e em contacto, agarre-se a cana na mão, corte-se a extremidade à direita e à esquerda. Fixe-a através de uma ligadura sobre a luxação ou

¹³ A romã tinha uma simbologia especial relacionada com a fidelidade amorosa. Esta simbologia é herdada dos Gregos que transmitiram a sua crença através do mito de Proserpina: esta, raptada por Hades, consegue ser libertada por pressão de Zeus. No entanto, antes de partir do mundo dos mortos, acede ao pedido de Hades e come uma semente de romã, ficando assim condenada a ter de voltar para ele todos os anos (HAMILTON 1983 68).

fratura: ficará curada. No entanto, todos os dias é conveniente dizer a cantilena – *Huat hauat huat ista pista sista dannabo donnaustra – huat haut haut istasis tarsis ardannabou dannaustra*”.

E se quisermos evitar as escoriações em viagem, é só usar um anel e colocar-lhe por baixo um rebento de absinto do Ponto (CATÃO 159, 1).

E existiam também remédios tradicionais afastar a doença. Por isso, para que os bois não ficassem doentes, Catão (70, 1-2) mandava dar-lhe, em boa saúde, uma poção com os seguintes ingredientes: três grãos de sal, três folhas de louro, três alhos porros, três dentes de *ulpicum*¹⁴, três dentes de alho, três grãos de incenso, três rebentos de erva sabina, três folhas de arruda, três pés de videira branca, três favas brancas, três carvões acesos e três *sextari* de vinho. Esta poção deveria ser dada num recipiente de madeira, ao ar livre, por alguém em jejum, a cada boi, durante três dias. Se por acaso, se esqueciam da prevenção e os bois adoeciam, também havia remédio. Catão (71, 1) aconselhava a dar de imediato ao boi ou bois doentes um ovo de galinha cru. No dia seguinte, era preciso esmagar uma cabeça de *ulpicum* numa *hemina*¹⁵ de vinho e fazer o boi beber esta mistura. A poção tinha de ser dada num recipiente de madeira, ao ar livre, e tanto o boi como quem dava a poção deveriam estar em jejum.

Em relação aos bois, deveras importantes na ajuda das tarefas agrícolas, a preocupação vai mais longe que a prevenção ou cura de doenças. As receitas abarcam também o domínio da produtividade. Quer isto dizer que os autores nos dão indicações sobre o que fazer anualmente para que os bois se portem bem nas suas tarefas na propriedade agrícola. De acordo com Catão (73, 1), quando os cachos começam a amadurecer, é chegada a altura de dar a beber aos bois o seguinte medicamento: uma pele esmagada com trigo amidoado, sal e serpilho, em vinho.

¹⁴ Espécie de alho de cabeça grande.

¹⁵ Medida romana de capacidade para os líquidos e sólidos. Na Sicília, seu país de origem, designa a metade de uma unidade de capacidade correspondente ao *sextarius* romano. Assim, nos líquidos corresponde a metade do *sextarius* e a 1/96 da *amphora*; esta, segundo cálculos aproximados, tem como capacidade 26,26 l. Sendo assim, a capacidade da *hemina* era de 0,2736 l, um pouco mais que ¼ do litro (DAREMBERG e SALIO s.v. “hemina”).

Ficamos também a saber que uma rã cozida é eficaz para tornar o nosso cão obediente: este depois de comer uma rã assim preparada, nunca mais deixará de nos seguir (VARRÃO II, IX, 6).

Neste contexto, não deixa de ser interessante o facto de estes autores assumirem uma atitude de repulsão em relação aos adivinhos e feiticeiras¹⁶, consideradas “duas classes de pessoas que perturbam as mentes ignorantes com vãs superstições e incitam a práticas vergonhosas” (COLUMELA I, VIII, 6; XI, I, 22).

E neste mundo do sobrenatural é também curioso o papel desempenhado pela mulher, encarada como um ser mágico. Os Romanos conceberam um sistema de explicação do mundo orientado por uma ordem imutável do movimento dos astros. Era, no fundo, uma tentativa de explicar aquilo que lhes era tão misterioso: as alterações que se repetiam dia e noite, estação após estação¹⁷. Esta mesma conceção cosmológica

¹⁶ Sobre o papel das feiticeiras ver o interessante artigo de Hidalgo de la Veja, citado na bibliografia.

¹⁷ Consideravam os Romanos que a criação estava intimamente relacionada com o movimento e a atividade dos planetas e astros. E porque trabalhar a terra é criar, as atividades agrícolas regem-se, de acordo com Varrão (I, XXVII, 1), essencialmente por duas medidas de tempo: uma anual, que o Sol estabelece, e outra mensal que a Lua delimita ao deslocar-se em círculo. Desta sorte, o curso do Sol e da Lua eram observados em todas as fases da produção agrícola, desde a plantação à colheita (VARRÃO I, I, 5). Estas considerações mais não são que o fruto da observação empírica dos efeitos da irradiação cósmica.

Assim, é, por exemplo, interessante saber que a estrumação deve ser feita antes da segunda lavra, quando a Lua está no quarto-vinguante. Isto libertará a terra cultivada das ervas daninhas (COLUMELA II, V, 1). Ou que se devem apanhar os feijões na Lua Nova, antes do amanhecer e que quando eles estiverem secos devem ser imediatamente batidos, debulhados e levados para o celeiro antes de a Lua começar a crescer: desta forma não serão afetados pelo gorgulho (COLUMELA II, X, 12). Ou que a lentilha é convenientemente semeada apenas no período da meia-lua até ao seu décimo segundo dia (COLUMELA II, X, 15) e que a ervilhaca não se deve semear antes do vigésimo quinto dia da Lua, caso contrário a lesma estragará a sementeira (COLUMELA II, X, 30).

É, por isso, fundamental que o *vilicus* saiba que não se perde um dia de trabalho, mas um ano inteiro se as tarefas forem feitas no dia adequado. Tudo tem um momento para se realizar, se uma parte for feita mais tarde do que devia, todas as outras tarefas agrícolas são realizadas mais tarde do que deviam, a ordem do trabalho é perturbada e causa o desapontamento de todo um ano. Assim, as advertências sobre os deveres de cada mês, dependentes das estrelas e do céu, são essenciais (COLUMELA XI, I, 29-30).

estava intimamente relacionada com as mulheres, já que o curso dos astros regulava a sua vida biológica e, portanto, a sua própria capacidade de criar vida. Será por esta ligação íntima da mulher com a natureza, que a torna superior e, ao mesmo tempo, terrível, que lhe são atribuídos poderes por vezes fatais?

Esta imagem que se tinha da mulher está bem presente nos *Tratados agronómicos*. Neste sentido, e de acordo com Paládio (I, XXXV, 3), as lagartas morrem se uma mulher, que esteja menstruada, andar três vezes à volta de cada canteiro, com o cabelo solto, sem cinta e com os pés descalços: todos os pequenos vermes cairão por terra e morrerão¹⁸. Columela (XI, III, 38) refere que o arbusto de arruda vive por muitos anos sem se deteriorar, a não ser que uma mulher, que esteja no seu período menstrual, lhe toque, caso em que ele secará. Este autor aconselha (XI, III, 50) ainda a ter-se cuidado para que uma mulher seja admitida o menor número de vezes possível no local onde estão semeados os pepinos e as abóboras, pois geralmente o crescimento das verduras é afetado pelo contacto com a mulher e, se ela estiver no seu período menstrual, matará as jovens plantas apenas por olhar para elas. E já vimos também, ao tratar dos rituais de proteção aos bois, que lhes era vedada a presença em determinados ritos religiosos, com certeza pelo medo de que essa presença provocasse alguma interferência maléfica.

Em jeito de conclusão...

Os Romanos, tão distantes temporalmente, eram homens e mulheres como nós, que procuravam uma resposta para o desconhecido e para os males que os afligiam na “vontade” dos deuses, a qual procuravam reverter a seu favor. Afinal, qual a diferença entre a oferta do sacrifício de um animal aos deuses e a oferta, atualmente, do vestido de noiva ou de um membro em cera ou, até, das peregrinações a locais “sagrados”? Assim como as atuais festas populares em honra dos Santos, mais não são que a versão contemporânea dos festivais romanos em honra dos deuses.

De acordo com este modesto bom senso, Columela (XI, II) e Varrão (I, XXVIII-XXXIX) estabelecem um calendário agrícola, onde referem minuciosamente o que deve ser feito em cada mês de acordo com o tempo, que se estabelece através da influência das estrelas.

¹⁸ Cf. Totti 2013.

Na religião romana o sagrado manifesta-se através da proliferação de vários deuses, hoje o sagrado assume o seu expoente na figura de uma única divindade. No entanto, agora como nessa época, a religião significa a crença de poder comunicar com a(s) divindade(s), responsáveis pela origem e destino do mundo e dos homens. Pelo que o Homem mantém uma atitude de humildade e adoração em relação à Divindade, esperando assim a sua proteção.

Tal como os Romanos consideravam os deuses onnipotentes, os Cristãos manifestam essa submissão, por exemplo nas palavras que em prece dirigem a Deus: "...seja feita a Vossa vontade...". O Homem, enquanto ser religioso, confia o seu destino às entidades sagradas. Mas, muitas vezes, nas suas atitudes religiosas aproxima-se da magia: quando se convence que determinada ação, como acender velas aos Santos, constituem um meio para obter um favor. Daí ao longo desta abordagem ter utilizado o termo abrangente de "religiosidade".

Desta sorte, todo este imaginário religioso de há milénios se mantém hoje, nomeadamente o mundo das superstições. Por exemplo, é costume no nosso país, nomeadamente no Norte, colocar-se, no dia 1 de maio, um ramo de giestas amarelas (denominadas "maias") no exterior das portas de entrada das casas e dos currais. O objetivo é proteger o lar da fome e das doenças, à semelhança do que a *vilica* fazia há cerca de dois mil anos, quando colocava uma coroa na lareira para proteger a casa.

E este mundo das superstições manifesta-se quase mecanicamente no nosso quotidiano. Ou não é garantido que se "prendermos o Diabo" a uma perna da mesa, o que se perdeu aparece? E que partir um espelho são sete anos de azar?

E mesmo em relação à mulher, os seus poderes não se tornaram menos maléficos. Se, até ao final da Idade Média, o corpo da mulher é o lugar de eleição do Diabo e daí a necessidade, para os homens, de a manterem em lugar seguro, afastada da vida pública, hoje a situação é bem diferente. Se a mulher em grande parte das nações adquiriu a igualdade cívica, no mundo das superstições ela continua a ser simultaneamente superior e terrível e, por isso, eternamente castigada pelo "pecado original". E neste sentido vai o facto de, ainda atualmente, muitas mulheres alterarem o seu quotidiano com base na crença de que o período menstrual tem efeitos maléficos. Enfim, permanecem nos nossos dias uma imensidão de superstições que nem o enorme avanço da ciência fez desvanecer.

Os Romanos acreditavam encontrar na magia um processo de fazer com que as coisas decorressem a seu contento. São condutas humanas que, à primeira vista, nos parecem insólitas. Mas a realidade é que ainda hoje se recorre, e cada vez mais, à magia na ânsia da resolução de problemas para os quais os meios científicos se mostraram ineficazes.

O mundo da bruxaria permanece bem vivo na nossa sociedade: esta continua a ser a fonte de cura para males de amor, doença e dinheiro. Lê-se a sina, usam-se amuletos... E é uma atividade que abarca desde as “profissionais” que fazem da bruxaria uma forma de vida, até à mezinha caseira. Quantos de nós não vimos uma dor de cabeça desaparecer graças à avó que não tardou em rezar para nos afastar o “mau olhado” (ou “olhado de inveja”) causador de tantos males. Por exemplo, repetindo seis vezes (BRAGA 1924):

“Fulano, se tens ar, eu to vou talhar; ar da noite, ar do dia, ar do pino do meio-dia, ar do pino da meia noite, ar da manhã, ar da Trindade, ar das estrelas, ar das portas, ar das travessas e janelas; ar das encruzilhadas, ar da feitiçaria, de bruxaria, ar de encanhos e engaranhos, ar de esterpaço, de mal de inveja, ar corrupto moribundo, ar atrevido, ar remido e de espírito requerido; ar de morto, ar de vivo excomungado, ar de morto excomungado, e de todos os males e ares e males que te empeceram e pelas unhas dos pés foram botados, para o mar sem fundo sejam degradados”.

O Homem continua assim a acreditar que através de rituais pode agir sobre as coisas e alterá-las a seu favor. Daí a proliferação de seitas religiosas que prometem a felicidade a quem já perdeu as esperanças. Enfim, o Homem atual procura as respostas numa multiplicidade de saberes, que passam pela religião, ciência e técnica, enquanto o espírito do Homem romano estava essencialmente orientado para a religião, que se confundia com a política. E assim encontramos no mundo romano uma religião centrada no culto ao imperador. Mas também as ideologias políticas do nosso tempo fizeram o possível para preencher o lugar da religião através de evangelhos próprios, como foi o caso da obra *Mein Kampf*, de Adolf Hitler, ou de *O Livro Vermelho*, de Mao Tsé Tung.

E o próprio mundo da mitologia permanece, é certo que com outros contornos, mas com a mesma dose de fantasia e de magia. Ou não será a indústria publicitária a Mitologia do nosso tempo? Ela leva-nos a sonhar e a desejar um mundo fantástico e, por isso improvável.

Na razão de ser destas atitudes está uma determinada conceção da vida, um certo universo simbólico: o deles, Romanos, e o nosso. Diferentes? Talvez. A mesma fé? Com certeza!

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR (João) – *A Voz dos Deuses*, Porto: Edições Asa, 1984.
- BRAGA (Alberto Vieira) – *De Guimarães: tradições e usanças populares (da terra, do trabalho, da mulher, do amor, do casamento, da morte, do céu-vária). Tradições e usanças populares*, Livraria Espozende, 1924.
- CATO (M. Pocius) – *De Agri Cultura*, tradução de Raoul Goujard, Paris, 1975.
- COLUMELLA (Lucius Junius Moderatus) – *Res Rustica*, tradução inglesa de E. S. Forster e Edward H. Heffner em três volumes, 1948, 1954 e 1955.
- DAREMBERG (Ch.) e SAGLIO (E.) – *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris, 1877–1913, s.v. “hemina”, “libra” e “sextarius”.
- ERNOU (Alfred) e MEILLET (Alfred) – *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine. Histoire des Mots*, Paris, 1967(4ª ed.).
- GONZALES (Antonio) – “Eam rem diuinam uel seruus uel liber licebit faciat. La dependance religieuse à l’épreuve du sacrifice chez les agronomes latins”, *Arys* 4 2001 231-244.
- HAMILTON (Edith) – *A Mitologia*, Lisboa, 1983.
- HENTZ (Gustave) – “Terre et paysans de l’Italie de 1^{er} siècle après J.-C. vus par un grand propriétaire-exploitant: Columelle”, *Ktema* 5 1980 151-160.
- HIDALGO DE LA VEJA (M. J.) – “La imagen de la mujer en la magia como expresión de la diferencia de género”, *Ktema* 5 1980 495–512.
- KOLENDO (Jerzy) – *Le Traité d’Agronomie des Saserna*, Wrocław, 1973.
- PALLADIUS (Rutilius Taurus Aemilianus) – *Opus Agriculturae*, tradução francesa de René Martin, tome premier, livres I e II, Paris 1976.
- SCHMIDT (Joël) – *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, Lisboa, 1995.
- TOTTI (Luis Augusto Schmidt) – “O valor mágico do sangue no capítulo 35 do livro I do *Opus Agriculturae*, de Paládio”, *Revista Mundo Antigo* Ano II V. 02 N° 01 Junho – 2013.
- VARRO (Marcus Terentius) – *De Re Rustica*, tradução inglesa de Wiliam Davis Hooper, Londres, 1954.
- WHITE (K. D.) – *Roman Farming*, Londres, 1970.

APOIO

